José de Anchieta e sua deformação física

HENRIQUE GONZALEZ

Um ano após a morte do Apóstolo do Brasil, o jesuíta Quiricio Caxa, seu contemporâneo, chegado dez anos depois, com elementos fornecidos pelo Provincial Pedro Roiz, escrevia um escôrço biográfico do canarino.

Tomou o nome de **"Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta"**, segundo três manuscritos existentes: um nos arquivos da Cia. de Jesus em Roma; outro na biblioteca municipal do Porto; e o terceiro na biblioteca da Ajuda, em Lisbôa.

Nêsse documento vivo o autôr descreve, com inegável clareza e precisão, o tipo físico do padre José de Anchieta.

> "...se lhe veio a gerar uma dôr numa ilharga, que o atormentou muito. Mas ele não dixava de ir por deante com sua santa ocupação, nem lhe aplicava outra mézinha mais do que, quando estava de joêlhos, lhe dava torcêr o corpo, e apertar com a mão pósta no ourélo, o logar onde lhe doía.
> Tantas vezes fez isso, e com tanta fôrça, por causa da grande fadíga, que veio a fazer tão grande abalo nas costas, que as tirou do seu lugar, ficando o espinhaço feito um *S*, com uma ponta para o lado direito, e a outra para a ilharga esquerda. Sucedeu-lhe daí grande doença, da qual nem as costas tornaram ao seu lugar, nem ele nunca pôde recobrar saúde, pôsto que foi curado com mui grande diligência e os médicos fizeram nêle quanto sabiam da sua arte."

Realçado em côres naturais o aleijão, atribuindo como causa as dores, a informação, à primeira vista, parece exata. Diante disso, era obrigado a contorcêr-se nas longas posturas de joêlhos, diante do altar, na Sé de Coimbra, onde ajudava oito missas por dia.

Tinha dezessete anos ao ingressar no Colegio das Artes, em Coimbra, sendo controverso seu preparo intelectual, porém, desde cêdo as boas qualidades e virtudes logo surgiram. O fato é que depois de três anos de permanência foi-lhe indicado o Brasil como clima tropical capaz de pôr côbro ao seu estado enfermiço.

Sabe-se que os medicos se desvelaram para curar o jovem estudante, mas, segundo parece, não teriam tentado colocar o aparelho ortopedico para reduzir a luxação da espinha dorsal. Deduz-se daí que aquela especialidade não estaria ainda difundida largamente. Na Espanha, entretanto, com dezenas de Universidades, nas quais a Medicina tinha tomado vulto fóra do comum, devido os mouros, herdeiros legítimos da cultura arabe, o medico de Felipe II, de nome Luiz Mercado, publicara, em 1594, o livro **"Instituitiones de Arte luxatoria"**, precedida de inumeras ilustrações, inclusive sobre o desvio da coluna vertebral. Contudo, não foi mau o tratamento dispensado pelos medicos de Coimbra, porque Anchieta viveu quarenta e sete anos na Cia. de Jesus, dos quais quarenta e quatro no Brasil.

Meditando-se sobre a causa apresentada pelos biografos, chega-se, à conclusão que o jovem canarino deveria sentir realmente as dores, entretanto, é mais fácil concluir-se que fosse devido a passagem de cálculos, e por isso, reagir, voltando as costas. Não seria essa a principal causa da escolióse que veio a deformá-lo.

Em primeiro lugar é necessário considerar a alimentação farta, rica de cálcio, e de vários outros elementos capazes de permitir a formação de cálculos de toda natureza, existente na região, afirmemos, em toda Europa.

Em caso de acidentes análogos tirava-se conclusões idênticas, para atribuir a uma intercorrência de origem física, ou, por assim dizer, mecânica, tudo quanto era quadro mórbido mais ou menos parecido.

O exemplo da nossa afirmativa é o caso de D. João IV, cuja doença se pode acompanhar pari-passu, em todas suas fases de evolução. Tendo começado com uma dor na ilharga, até a morte do monarca, esperaram que a **pedra** fosse expelida, no entanto, o rei estava com **Uremia**, de que morreu estupidamente:

> ...se deteve pouco tempo em Alcântara, porque uma veemente dor em uma ilharga, obrigou-o a recolher-se às 10 horas do dia.

No folheto onde se encontram as informações acima, intitulado **"Ultimas ações de D. João IV"**, de 1676, portanto cem anos depois de Anchieta, mais ou menos, raridade publicada pela comissão do Centenário da Restauração, tem-se a medida exata do erro, por desconhecimento no tempo, das causas do tranacamento renal como do seu cortejo de reações.

Confundiam infiltração renal com infiltração pelo ácido úrico, no caso a Gota, e isso desorientava o tratamento, se bem que ten-

tavam pelos meios mais primitivos possíveis, obter a eliminação da suposta pedra.

Seria excessivo admitir em Anchieta o mal de Pott, atual, por várias razões que não cabem neste trabalho descritivo, **uma tuberculose** óssea com duração de tantos anos, sem tratamento... Anchieta deve ter sofrido na sua infância traumatismo que atingiu a coluna vertebral, mesmo ao nascer, e a prática das orações, excessivo esforço de posição, abreviou o deslocamento do eixo espinal, até sua completa fixação, onde as extremidades encontraram apoio para resistir aos movimentos do corpo.

A dor na ilharga é corolario fora de tudo que a natureza já havia previsto, como aconteceu com D. João IV.

Sob tal aparencia física, que altera completamente o aspecto do indivíduo, sobretudo de estatura baixa, viveu entre os índios com o ombro direito muito mais alto do que o esquerdo, e com uma respeitável protuberância.

A cabeça deveria estar enterrada nos ombros, o que se conclui pelo impacto que produzia a presença de Anchieta diante de um desconhecido. Junte-se ao quadro os remendos do burel, os pés muitas vezes descalços, e conclua-se sobre o caso...

Quando voltou à Bahia, depois de nela haver vivido um dos Irmãos, que nunca o vira, espantou-se ao olhá-lo. E esse espanto foi de tal maneira chocante que o próprio Anchieta percebeu. Para melhor elucidação vamos citar o texto de Simão de Vasconcelos, seu biógrafo:

> Entre os religiosos que correram a recebê-lo e abraçá-lo, foi um Irmão que nunca tinha visto José. Levado da informação exterior dos olhos, vendo seu gesto menos aprazível, humilde, roto, quebrado das costas, formou conceito que deveria ser **hóspede inútil**, e disse entre dentes:
> A quem vem agora este aqui?

Não pronunciou palavra alguma mas, quando lhe coube o lugar do abraço, o recebeu José com diferente rosto e benevolência que todos os outros, e disse:

> Assim é, Irmão meu, que entre tantos só vós me conhecestes? A que venho aqui, homem inútil e de nenhum proveito?
>
> Ficou confuso o Irmão, confessou seu juizo errado, e entendeu, daí por diante, que tinha entre si um homem angélico.

Sem se deter, abatido pelas circunstâncias do seu caso, a deformação, que o fazia tão feio, não se deixava vencer pela surpresa

da mirada do interlocutor, antes, ao contrário, procurava realçar sua fealdade com desprendimento. Respondia a virtude do santo, contrastanto com aquele mau aspecto físico, deveras impressionante. Outro caso registado foi acontecido com o General Diogo Florez Valdez, que, recebendo pedido verbal para deixar em liberdade determinado preso de origem inglesa, irritou-se. É que o portador não havia falado no nome de Anchieta, mas quando o general espanhol ouviu pronunciá-lo tomou outra atitude:

> ..."Solte-o logo. Faça-se o que o padre manda porque a primeira vez que o vi nunca pessôa mais abjéta e despresivel se me apresentou, porem depois, olhando-o bem, nunca, em presença de nenhuma magestade me senti tão apoucado."

A imagem do homem descrita por Quiricio Caxa condiciona-se, pela perfeição da narrativa, no verdadeiro perfil do aleijado, que continuou, numa resistencia de humildade, a enfrentar o desengonço, sem complexo de inferioridade, porém reconhecendo o **Nosce te ipsum**...

Afirma seu primeiro biógrafo:

> Chegou ao Brasil em 1553 — diz Quiricio Caxa — cobrou saúde em corpo tão desengonçado, e nele viveu quarenta e quatro anos.

Esta afirmativa ainda por definir em linhas exatas, de que era corcunda, além do depoimento de outros contemporâneos, está contida em suas próprias palavras. A carencia de dicionários antigos não nos permite dar definição do vocábulo **Corcos,** que ele usou numa auto-afirmativa.

É contada pelo Provincial Pero Roiz:

Estando o padre José já muito mal, na Casa do Espírito Santo (Colégio dos Jesuítas) acertou de ver um espelho que tinha o padre Jeronimo Roiz para colocar sobre uma imagem, e era enfermeiro.

Tomou o padre o espelho na mão e falando disse:

> Vi-o agora num espelho
> e comecei a dizer:
> **Corcos** — toma bom conselho
> e faze bom aparelho
> porque cedo hás de morrer.

Mas com juntamente vêr
o beiço um pouco vermelho
disse: estás tão fraco e velho
mas pode ser, se Deus quiser,
que vivas para Conselho.

Corcos — em nosso entender — é uma palavra arcaica, desaparecida, sepultada, e dela deve derivar-se **Corco**-vado, **Corco**-unda, portanto, Anchieta chamava a si próprio de corcunda, isso depois de velho, já para morrer.

As provas apresentadas, no texto das várias biografias, quase todas compostas por contemporâneos, bastam para provar, que Anchieta, de quem não existe retrato em parte alguma, tinha uma corcova, aspeto muito natural numa pessoa a quem o todo **enjabement** que constitui, pelas espáduas, a horizontalidade dessa parte, deslocara, agressivamente...

Os inúmeros impactos sucedidos, na sua longa caminhada pelo Brasil, em consequência da enorme deformação que apresentava, eram espetaculares.

Quando se pensava que ele reagiria ao escárneo, entrando num profundo estado de abatimento moral, mais escancarava o desconcerto, humilhando-se espontâneamente. Era então de ver-se nos olhos do interlocutor, desaparecer a figura grotesca do Quasimodo, para ressurgir o santo, iluminado por uma aureola de amor, de grandeza, de piedade...

Não só amava as criaturas humanas, sobretudo o índio, também protegia os animais, defendia-os com sua própria vida, tão bom era ele.

* * *

Foi essa grande ridicula figura destacada com dons sobrenaturais. Ele predisse a morte do padre Francisco Pinto no Ceará, vinte e cinco anos antes:

> Estando o padre Francisco Pinto doente, na enfermaria do Colégio da Bahia, em estado que lhe tinham já aparelhado os **sagrados olhos**, para darem a **santa unção**, e partindo-se o padre José, que era Provincial, para Pernambuco, se foi despedir dele e lhe disse:
>
> "Ficai-vos, embora lá possa dar novas da vossa saúde à vossa mãe e vossos irmãos. Vós quereis entrar no céu de mãos lavadas? Não pode ser assim. Longa tibia restat via!"
>
> Tendes ainda muitos a fazer a Deus na Companhia, e não haveis de entrar no céu por morte folgada.

Quanto ao rei D. João IV, seguido de uma camarilha de simuladores de toda espécie, famulos, nobres, beatos, médicos, curandeiros, morreu da cura, depois de tomar água de **ananazes, pilulas de aço,** que ainda existem na Bahia, fazer incisões sem conta nas veias, tomar semicupios com dificuldade porque era grosso de corpo e não cabia na tina, morreu torturado por tantas rezas, comidas, e remédios, os mais absurdos... Basta dizer que numa das passagens da sua doença apareceram frades antoninos que fizeram-no comer um frango, em nome de Santo Antonio... já nas vascas da morte.

> E sustentando o cirurgião-mor que el rei tinha **pedra,** e que logo que a lançasse se sentiria bem, esta imaginação suspendia toda outra cura, considerando-se que os médicos poderiam divertir o intento da natureza em lançar a pedra.
> ....passou com dores grandes na região dos rins, bem que **temperadas** com mui **sofrimento,** e às seis da tarde lhe deram a terceira sangria. Passou Sua Magestade o resto da noite com com inquietação, até que na manhã seguinte tomou **pilulas de aço.**
> Por último pareceu aos médicos que se usasse **Agua de ananazes.**
> E passando em um instante o acidente de epileptico e apoplexia, rezando-se o **oficio de agonia,** aplicando-se bulas, reliquias, indulgencias, entre onze e meio dia expirou Sua Majestade.

* * *

BIBLIOGRAFIA

Padre Quiricio Caxa — Breve relação da vida e morte do Padre Anchieta. — Lisboa — 1598. Ed. da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal

Padre Pedro Roiz — Vida do padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus. 1602 — Ed. da Liv. Progresso — Bahia.

Padre Simão de Vasconcelos — A vida do Venerável Padre José de Anchieta. 1662 — Instituto do Livro — Rio — Prefácio de Serafim Leite.

Últimas ações del rei D. João IV — Oficina Craesbeck 1667 — Capa fac-simile de Atas Ciba — **A medicina na Espanha no século de ouro** — Números de Setembro e Outubro de 1940 — Autor Dr. Krenger.